

## Da lipemania ou melancolia (1820)\*<sup>1</sup>

Étienne Esquirol

Desde Hipócrates, os autores dão o nome de melancolia ao delírio caracterizado pela morosidade, o temor e a tristeza prolongados. O nome de melancolia foi imposto a essa espécie de loucura porque, segundo Galeno, as afecções morais tristes dependem de uma depravação da bile que, tornando-se negra, obscurece os espíritos animais e faz delirar. Alguns estudiosos modernos deram uma extensão maior ao nome melancolia, e chamaram todo delírio *parcial*, crônico e sem febre, de melancólico. É certo que a palavra melancolia, mesmo na acepção dos antigos, oferece freqüentemente uma idéia falsa ao espírito, pois a melancolia não depende sempre da bile. Essa denominação não seria conveniente à melancolia, tal como a definem os modernos. Essa dupla consideração me fez propor a palavra *monomania*, forma do grego *monos*, só, e de *mania*, mania, termo que exprime o caráter essencial dessa espécie de loucura na qual o delírio é parcial, permanente, alegre ou triste. [...]

A monomania, caracterizada por uma paixão alegre ou triste, excitante ou opressiva, produz o delírio fixo e permanente de desejos e de determinações relativos ao caráter da paixão dominante, divide-se naturalmente em monomania propriamente dita, cujo sinal específico é um

\* A tradução é de Maria Vera Pompeo de Camargo Pacheco e a revisão técnica é do Prof. Dr. Mário Eduardo Costa Pereira, ambos do Laboratório de Psicopatologia Fundamental da UNICAMP.

1. Extraído de E. Esquirol, *Des maladies mentales*, Paris: Baillière, 1838. Fonte: J. Postel, *La psychiatrie – textes essentiels*, Paris: Larousse, 1994, p. 59-65.

delírio parcial com uma paixão excitante ou alegre, e em monomania caracterizada por um delírio parcial e uma paixão triste e opressiva. A primeira dessas afecções corresponde à melancolia maníaca, ao furor maníaco, à melancolia complicada pela mania, enfim, à *amenomania* (Rush). Eu lhe consagro o nome de monomania. Falarei dela mais tarde.

A segunda corresponde à melancolia dos idosos, à *tristimania* de Rush, à melancolia com delírio de Pinel. Apesar do temor de ser acusado de neologismo, dou-lhe o nome de *lipemania*, palavra formada do grego *lupeo*, *tristitiam ínfero*, *anxium reddo* (eu entristeço, eu atormento alguém), e de *mania*, mania. Vamos tratar da lipemania neste artigo, empregando indiferentemente as palavras melancolia ou lipemania, e esperando que o uso tenha consagrado essa última denominação (...)

O lipemaniaco tem o corpo magro e delgado, os cabelos pretos, o tom pálido, amarelado, as maçãs do rosto às vezes coloridas, a pele morena, escurecida, seca e escamosa, enquanto que o nariz é de um vermelho escuro. A fisionomia é fixa e imóvel, mas os músculos da face ficam num estado de tensão convulsiva e exprimem a tristeza, o temor ou o terror; os olhos são fixos, abaixados para o chão ou perdidos ao longe, o olhar é oblíquo, inquieto e desconfiado. Se as mãos não são ressecadas, escuras, terrosas, são inchadas, violáceas.

M., com a idade de 23 anos, é conduzida à Salpêtrière em 8 de junho de 1812. A altura de M. é mediana, seus cabelos e seus olhos são pretos, as sombrancelhas muito espessas aproximam-se na direção da raiz do nariz, o olhar é fixo no chão, a fisionomia exprime o temor, o porte do corpo é magro, a pele é morena. Observa-se algumas manchas escorbúticas nos membros abdominais. As mãos e os pés, sempre muito frios, são de um vermelho violáceo, o pulso é muito lento e muito fraco. A constipação intestinal, geralmente muito persistente, é algumas vezes substituída pelo desarranjo, a urina é rara.

M. não profere uma só palavra, recusa-se a qualquer espécie de movimento, obstina-se em ficar deitada em sua cama. Recorreu-se a diversos meios para determiná-la a aceitar a alimentação: as afusões de água fria mostraram-se as mais repugnantes e M. come com mais vontade. Entretanto, de tempos em tempos, ela manifesta repugnância para alimentar-se, embora com menor obstinação.

Depois dessa moça estar há quatro anos na instituição, deixou escapar apenas algumas palavras que mostraram que o pavor absorvia todas as suas faculdades.

Ela morava no campo e havia sido muito aterrorizada por soldados.

É preciso coagir M. a deixar sua cama. Assim que está vestida, vai sentar-se num banco, sempre no mesmo lugar, ficando na mesma atitude: a cabeça inclinada para o lado esquerdo do peito, os braços cruzados repousam sobre os

joelhos, os olhos ficam fixamente voltados para o solo. M. permanece assim sem movimento e sem palavras durante todo o dia. Na hora das refeições, ela não vai em busca de seus alimentos, é preciso trazê-los e pressioná-la para comer. Ela não muda absolutamente de posição para isso, e jamais usa o braço ou a mão que não sejam do lado direito. Se alguém se aproxima da doente, se fala com ela, se a interroga, se a exorta etc., sua tonalidade colore-se ligeiramente, algumas vezes ela vira os olhos, jamais responde. É preciso adverti-la para ir dormir, ela desveste-se, encolhe-se na cama e cobre-se completamente com as cobertas.

A menstruação é irregular e pouco abundante, fica suspensa durante seis meses. Nunca foi possível vencer o silêncio e nem a aversão dessa moça pelo movimento. Jamais ela teve furor. Morreu tísica, com a idade de 29 anos.

A observação seguinte nos mostra a lipemania com características diferentes. Neste caso a lipemaníaca parece abatida sob o peso de idéias que a oprimem, enquanto que a lipemaníaca cuja observação se segue, revela por seu olhar e sua atitude, a atividade e a fixidez de sua inteligência e de suas afecções. Senhorita..., de uma constituição muito forte, um porte elevado, havia passado sua infância no castelo de Chantilly e havia brincado freqüentemente com o duque de Enghien, ele próprio, uma criança. Por ocasião da emigração, a Senhorita... foi confiada a uma senhora, encarregada de cuidar de sua educação. Os acontecimentos políticos tornaram-se mais graves. Esta jovem criança sentiu a miséria, sua educação foi negligenciada. Com a morte do duque de Enghien, a Senhorita... cai na lipemania mais profunda. Ela tinha 16 a 17 anos, seus cabelos tornaram-se grisalhos quase subitamente. A Senhorita... foi enviada à Salpêtrière onde viveu muitos anos antes de sucumbir. Senhorita... era alta, muito magra, seus cabelos eram muito abundantes e grisalhos, seus olhos grandes e azuis fixos, o tom de sua pele era pálido. A doente, vestida somente com uma camisa e a cabeça descoberta, ficava sentada constantemente sobre o travesseiro de sua cama, as coxas flexionadas sobre o ventre e as pernas flexionadas sobre as coxas, os cotovelos apoiados nos joelhos, a cabeça sempre levantada, reta, sustentada pela mão direita. Durante a noite, a posição dessa doente é a mesma, mas ela se senta sobre o colchão, apoiando as costas no travesseiro, juntando as cobertas sobre o peito. A Senhorita... jamais fala; de tempos em tempos murmura alguns monossílabos com voz muito baixa e que fazem acreditar que ela vê e espera alguém. Ela não responde a nenhuma pergunta, repele a pessoa que a interroga com um movimento de tronco. Come pouco e a constipação intestinal é persistente. Caminha sentada, à maneira dos aleijados das pernas, levantando o corpo com a ajuda dos braços. Seus olhos e seu olhar jamais se desviam de uma janela que está ao alcance de sua cama e por meio da qual parece ver ou ouvir alguém que chama sua atenção. Pela continuidade dessa posição, as coxas e as

pernas são contraídas e em algumas tentativas que foram feitas, não se conseguiu estender seus membros abdominais.

A unidade da afecção e de pensamento torna as ações do melancólico, uniformes e lentas, ele se recusa a qualquer movimento, passa seus dias na solidão e na ociosidade. Habitualmente fica sentado, com as mãos cruzadas, ou então em pé, inativo, com os braços pendentes ao longo do corpo. Se anda, é com lentidão e apreensão, como se precisasse evitar algum perigo, ou então anda com precipitação e sempre na mesma direção, como se estivesse com o espírito profundamente ocupado. Existem os que dilaceram suas mãos, a extremidade dos dedos, e destroem as unhas. Atormentado pelo desgosto ou pelo temor, o olho e a orelha incessantemente à espreita, para o lipemaníaco o dia é sem repouso e a noite sem sono. As secreções não ocorrem mais.

Alguns melancólicos rejeitam teimosamente qualquer comida. Vemos alguns que passam vários dias sem comer, mesmo tendo fome, pois estão presos por alucinações, por ilusões que criam temores quiméricos. Um teme o veneno, o outro a desonra, este quer fazer penitência, aquele acredita que se comesse, comprometeria seus pais ou seus amigos e, enfim, há os que esperam livrar-se da vida e de seus tormentos pela abstinência de qualquer alimentação.

Já os vimos sustentar a abstinência durante 13, 20 dias, e ainda além. Após terem decidido a aceitar os alimentos, quando se vence a repugnância desses doentes, eles são na maioria menos sombrios, menos tristes.

O pulso geralmente é lento, fraco, concentrado; às vezes é muito duro e sente-se sob os dedos uma espécie de estremecimento da artéria. A pele é seca, de um calor seco e algumas vezes ardente. A transpiração é nula, enquanto as extremidades dos membros são frias e banhadas de suor.

Os lipemaníacos dormem pouco. A inquietude, o receio, o terror, os ciúmes, as alucinações, os mantêm acordados. Se eles cochilam, desde que seus olhos se fecham, vêem mil fantasmas que os terrificam; se dormem, seu sono é interrompido, agitado por sonhos mais ou menos sinistros. Frequentemente são despertados em sobressalto por pesadelos, pelos sonhos que representam para eles os objetos que causaram ou que mantêm seus delírios. Vários deles, após uma boa noite, ficam mais tristes ou mais inquietos; vários outros acreditam não poder jamais chegar ao fim do dia e melhoram quando a noite começa, persuadidos de que não se poderá prendê-los. Alguns sentem suas inquietudes aumentarem com a aproximação da noite; eles temem a escuridão, a solidão, a insônia, os terrores do sono etc.

As secreções apresentam também notáveis desordens nos lipemaníacos. A urina é abundante, clara, *aquosa*; algumas vezes é rara, espessa e lodosa. Há melancólicos que, por diversos motivos, retêm a urina durante vários dias seguidos. É conhecida a história desse doente que não queria de forma alguma

urinar, pelo temor de inundar a terra, e que só se decidiu a soltar sua urina após ser persuadido que seria o único meio para apagar um violento incêndio que acabava de começar.

A melancolia com delírio ou a lipemania apresenta no conjunto de seus sintomas, duas diferenças bem marcadas. Por vezes os lipemaníacos são de uma susceptibilidade muito irritável e de uma mobilidade extrema. Tudo lhes causa uma impressão muito viva; o motivo mais leve produz os mais dolorosos efeitos; os acontecimentos mais simples, os mais comuns lhes parecem fenômenos novos e singulares, preparados propositalmente para atormentá-los e para prejudicá-los. O frio, o calor, a chuva, o vento, os fazem tremer de dor e de pavor; o barulho os assalta e os faz estremecer; o silêncio os sobressalta e os apavora. Se alguma coisa os desagrada, eles a repelem com rudeza e com obstinação. Se os alimentos não lhes convêm, sua repugnância vai até provocar náuseas e vômitos. Têm eles qualquer motivo de temor? Eles ficam terrificados. Têm eles quaisquer pesares? Ficam em desespero. Eles experimentam qualquer revés? Acreditam que tudo está perdido. Tudo é forçado, tudo é exagerado em sua maneira de sentir, de pensar e de agir. Essa excessiva suscetibilidade os faz encontrar sem cessar nos objetos exteriores, novas causas de dores. Têm também, dia e noite, os ouvidos à escuta e os olhos à espreita. Estão sempre em movimento, à procura de seus inimigos e das causas de seu sofrimento. Contam sem parar, e a todos que chegam, seus males, seus temores, seus desesperos. Ora a sensibilidade concentrada num só objeto parece ter abandonado todos os órgãos; o corpo é impassível a qualquer impressão, enquanto que o espírito só se manifesta num único assunto que absorve toda a atenção e suspende o exercício de todas as funções intelectuais. A imobilidade do corpo, a fixidez dos traços da face, o silêncio obstinado, revelam a contenção dolorosa da inteligência e das afeições. Não é mais uma dor que se agita, que se queixa, que grita, que chora, é uma dor que se cala, que não tem lágrimas, que é impassível.

Nesse estado de exaltação dolorosa da sensibilidade, não apenas os lipemaníacos são inacessíveis a toda impressão estranha ao objeto de seu delírio, mas eles estão fora da razão porque percebem mal as impressões. Um abismo os separa do mundo exterior, dizem eles. Eu ouço, eu vejo, eu toco, dizem vários lipemaníacos, mas não sou mais como antigamente; os objetos não vêm a mim, não se identificam com o meu ser; uma nuvem espessa, um véu muda o tom e o aspecto dos corpos. Os corpos mais polidos me parecem eriçados de asperezas etc. Os objetos exteriores, não tendo mais suas relações naturais, os entristecem, os espantam, os assustam, os apavoram. Os lipemaníacos têm ilusões de sentido, alucinações. Eles associam as idéias mais disparatadas, as mais bizarras: de tudo isso nascem convicções mais ou menos contrárias ao senso comum, prevenções injustas, o medo, o espanto, o temor, o pavor, o terror etc.

As paixões modificam as idéias, as crenças, as determinações do mais sensato dos homens. As paixões tristes acarretam também a lesão parcial do entendimento: a vida intelectual daquele que controla o delírio melancólico é toda marcada pelo caráter de sua paixão. O montanhês não pode suportar a ausência dos lugares que o viram nascer, não pára de gemer, definha e morre se não revê o teto paternal. Aquele que teme a polícia, ou as perseguições dos tribunais, alarma-se, assusta-se, temendo ser preso a qualquer instante, vê agentes de polícia por todos os lados, aliados de magistrados, ele os vê mesmo entre seus amigos e seus parentes.

Antiochus morre sem esperança de obter de Seleucus, seu pai, a mulher que ele adora. Ovídio, Tasso, passam os dias e as noites com o espírito e o coração incessantemente irritados pela ausência do objeto de seu amor. O temor, com todas as suas nuances, qualquer que seja a causa real ou imaginária, exerce a mais generalizada influência sobre os melancólicos. Um, supersticioso, teme a cólera do céu, as vinganças celestes; é perseguido pelas Fúrias; se crê em poder do diabo, devorado pelas chamas do inferno, e consagrado aos suplícios eternos. O outro, assustado pela injustiça dos governos, fica apreensivo de cair nas mãos de agentes de autoridade, de ser levado ao cadafalso, acusa-se de ter cometido os maiores crimes, dos quais tenta justificar-se; prefere a morte às angústias da incerteza, enquanto que em outros momentos suplica que seja adiada a execução do suplício do qual ninguém, segundo ele, pode salvá-lo. Teme a maldade dos homens, crê que inimigos secretos, ciumentos, maldosos, ameaçam sua fortuna, sua honra, seus afetos, sua própria vida; o menor barulho, o menor movimento, o menor sinal, a palavra mais inocente, o fazem estremecer de pavor e o persuadem de que vai sucumbir sob os esforços de seus inimigos. Se uma educação melhor e mais esclarecida coloca o homem ao abrigo de terrores supersticiosos ou do temor aos seus semelhantes, engenhoso em atormentar-se, ele encontra elementos de pesar e de terror em sua instrução e em seu conhecimento; suas inquietudes assumem um caráter científico. O lipemaníaco acredita que está submetido à influência funesta da eletricidade ou do magnetismo; persuade-se de que podem envenená-lo com agentes químicos, ou que a física lhe prepara mil males com alguns instrumentos ocultos, escuta tudo o que se diz, mesmo a distâncias muito grandes, ou mesmo adivinha todo seu pensamento. Os remorsos que acompanham alguns grandes crimes, projetam os culpados na melancolia e caracterizam seu delírio. Orestes é perseguido pelas Fúrias. Pausânias, o Lacedemoniano, tendo matado uma jovem escrava que lhe tinha sido dada de presente, é atormentado até a morte por um *espírito* que o persegue em todos os lugares e que se parece com sua vítima. Teodorico, tendo mandado cortar a cabeça de Simacos, acredita vê-la na cabeça de um peixe que lhe é servido à mesa. O famoso Santerre acredita a todo instante ser surpreendido por

guardas que irão conduzi-lo à tortura. Os lipemaníacos assustam-se pelos motivos mais bizarros, mais imaginários. Alexandre de Tralles diz ter visto uma mulher que não ousava dobrar seu polegar, temendo que o mundo desabasse. Montanus fala de um homem que imaginava que a terra estava coberta por uma crosta de vidro, sob a qual haviam serpentes, ele não ousava andar por medo de quebrar o vidro e de ser devorado pelas serpentes. Um general, do qual eu cuidava, não ousava sair na rua acreditando que todos os passantes lhe endereçavam recriminações ou injúrias.

Alguns lipemaníacos assustam-se com tudo e a vida deles consome-se nessas angústias que reaparecem perpetuamente, enquanto que outros são terrificados por um sentimento vago, sem nenhum motivo. “Eu tenho medo”, dizem esses doentes, “Eu tenho medo”, mas de que? “Eu não sei de nada, mas tenho medo”. O exterior deles, suas fisionomias, suas ações, seus discursos, tudo neles exprime o mais profundo, o mais pungente pavor, do qual não podem nem se distrair e nem vencer.

O delírio toma o caráter da afecção moral que preocupava o doente antes da explosão da doença, ou conserva o da própria causa que a produziu, o que acontece principalmente quando essa causa age bruscamente e com uma grande força. Uma mulher é chamada de ladra durante uma disputa: imediatamente ela se convence que todo o mundo a acusa de ter roubado e que todos os agentes da justiça estão atrás dela para entregá-la aos tribunais. Uma senhora é assustada por ladrões que entram em sua casa; desde então ela não pára de gritar: “Ladrão!” Todos os homens que ela vê, mesmo seu filho, são salteadores que vêm para roubá-la e assassiná-la. Ao mais leve barulho, ela grita: “Ladrão!”, acreditando que alguém arromba a porta de sua casa. Um negociante experimenta algumas pequenas perdas, acredita que está arruinado, reduzido à mais profunda indignação e se recusa a comer porque não tem mais nem mesmo com o que pagar sua comida. O balanço de seus negócios, que são muito prósperos, lhe é apresentado: ele o examina, discute, parece aceitar seu erro; mas, finalmente, conclui que está arruinado. Dois irmãos têm uma discussão importante, um deles persuade-se que o outro quer matá-lo para usufruir de seus bens. Um militar perde sua graduação, torna-se triste e sonhador; logo acredita estar desonrado, e convence-se que seus colegas o denunciaram; fica perpetuamente ocupado em justificar sua conduta, que sempre foi muito honrosa. Uma mulher vê seu filho ser derrubado de um cavalo; todas as argumentações, a própria visão dessa criança que está bem, não podem convencê-la de que ele está vivo.

Analisando assim todas as idéias que atormentam os lipemaníacos, pode-se facilmente relacioná-las a algumas paixões tristes e debilitantes. Não seria possível estabelecer-se uma boa classificação da lipemania tomando por base as diversas paixões que modificam e subjagam a compreensão?

Algumas vezes os sentimentos morais dos lipemaníacos, não apenas conservam toda sua energia, mas sua exaltação é levada ao mais alto grau, embora esses doentes defendam-se dela e embora sejam mergulhados na mais profunda tristeza. A piedade filial, o amor, a amizade e o reconhecimento são excessivos e aumentam as inquietudes, os temores do melancólico levando-os a atos de desespero. Dessa maneira, uma mãe acredita ter sido abandonada por seu marido, quer matar seus filhos para poupá-los de uma tal infelicidade. Um vinhateiro mata seus filhos para mandá-los para o Céu.

A lentidão, a repetição monótona dos movimentos, das ações e das palavras do lipemaníaco - a prostração na qual é mergulhado os impõe, se acreditarmos que seu espírito está inativo como o corpo. A atenção do melancólico é de uma atividade muito grande, dirigida para um objeto específico com uma força de tensão quase insuperável. Inteiramente concentrado no objeto que o afeta, o doente não pode desviar sua atenção e nem conduzi-la para os outros, estranhos à sua afeição. O espírito, assim como o cérebro, está - que me desculpem essa expressão - num estado tetânico; apenas uma forte comoção física ou moral pode fazer cessar esse espasmo. Como os lipemaníacos têm a razão lesada em um ponto apenas, parece que colocam em ação toda sua potência intelectual para se fortificarem em seu delírio. É impossível imaginar toda a força, toda a sutileza de seus raciocínios para justificar suas prevenções, suas inquietudes, seus temores; raramente consegue-se convencê-los, jamais são persuadidos: "Eu ouço bem o que o sr. me diz", me dizia um melancólico, "o sr. tem razão, mas eu não posso acreditar no que diz". Algumas vezes, ao contrário, o espírito dos melancólicos está numa espécie de estado cataléptico; eles acompanham com energia e conservam, com mais ou menos tenacidade, as idéias que lhes são sugeridas, e nesse caso pode-se fazê-los mudar quase que voluntariamente, desde que as novas idéias tenham alguma relação com a paixão dominante. Uma senhora acredita que seu marido quer matá-la com um tiro de fuzil, ela foge de seu castelo e vai jogar-se num poço; gritam para ela que se alguém quisesse matá-la, o veneno seria um meio mais fácil. No mesmo instante, fica com medo do veneno e recusa qualquer espécie de comida. Um melancólico acredita estar desonrado: depois de procurar inutilmente reconfortá-lo, oferecem-lhe consolação por meio da religião, e em seguida, ele persuade-se que é maldito.

Alguns lipemaníacos percebem o seu estado, eles têm consciência da falsidade, do absurdo dos temores de que são atormentados. Eles percebem bem que estão desvairados; freqüentemente o reconhecem com pesar e mesmo com desespero. São reconduzidos sem cessar para a paixão que os domina, às mesmas idéias, aos mesmos temores, às mesmas inquietudes, ao mesmo delírio. Torna-se impossível para eles pensar, querer, agir de outra forma. Vários deles afirmam que um poder insuperável apossou-se de sua razão, é Deus, é o demônio, é uma

*fatalidade* – e que não têm mais força para dirigi-la do que a que domina a vontade deles. *Não se trata de lipemania racionante?*

A vontade da maior parte dos lipemaniacos é inflexível; nada pode vencê-la, nem a sensatez, nem as solicitações do mais puro carinho, nem as ameaças. Nada pode vencer seus erros, seus alarmes, seus temores, nada pode destruir suas prevenções, suas repugnâncias, suas aversões. Não se pode distrai-los da fixação das preocupações de seu espírito e de seu coração, a não ser por meio de abalos vivos, inesperados, específicos para desviar sua atenção. Alguns lipemaniacos não têm mais vontade; se querem alguma coisa, são impotentes para executá-la. Após haver lutado, combatido contra um desejo que os pressiona, ficam sem ação. Um antigo magistrado muito eminente por seu conhecimento e pelo poder de sua palavra, após ter sofrido desgostos, foi acometido por um ataque de monomania, com agitação e inclusive violência. Depois de alguns meses o delírio cessa, mas o doente conserva prevenções injustas; enfim ele recupera o uso total da razão, mas não quer retornar ao mundo, ainda que reconheça estar errado; ele não quer se encarregar e nem cuidar de seus negócios, embora saiba muito bem que esse defeito é prejudicial. Sua conversação faz uso tanto da razão quanto do espírito. Quando se fala de viajar, de cuidar de seus negócios, ele responde: “Eu sei que deveria e que poderia fazê-lo, seus conselhos são muito bons, eu gostaria de seguir suas opiniões, estou convencido, mas faça com que eu possa querer, desse querer que determina e que executa. É certo, dizia-me ele um dia, que eu não tenho vontade, a não ser para não querer, pois tenho todo meu raciocínio, sei o que devo fazer, mas a força me abandona quando eu deveria agir.”

Os lipemaniacos jamais são insensatos, mesmo na esfera das idéias que caracterizam seu delírio. Eles partem de uma idéia falsa, de princípios falsos, mas todos os seus raciocínios, todas as suas deduções estão de acordo com a mais rigorosa lógica. Para o que é alheio a seu delírio, eles são como todo mundo, avaliando muito bem as coisas, julgando muito bem as pessoas e os fatos; racionando tão corretamente como antes de estarem doentes. Mas o caráter, os afetos, os hábitos, a maneira de viver do melancólico, mudaram, como sempre acontece no delírio, porque o delírio altera as relações naturais entre o eu e o mundo exterior. Aquele que era pródigo torna-se avaro; o guerreiro é tímido e até mesmo covarde; o homem trabalhador não quer mais trabalhar; os libertinos acusam-se com dor e arrependimento; aquele que era menos exigente grita contra a traição. Todos são desafiantes, desconfiados, alertas contra tudo o que se diz, contra tudo o que se faz. Eles falam pouco; deixam escapar alguns monossílabos: como têm sempre o mesmo pensamento, repetem sem cessar as mesmas palavras. Existe um pequeno número deles que são tagarelas; a tagarelice tem por objeto as queixas, as recriminações, a expressão do temor, do desespero...